Ano XXI — Lisboa, Dezembro de 1965 — N.º 248

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "o Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 ● Comp. e Imp.: TIPOGRAFIA VIEIRA — R. de Belém, 15 e 17 — LISBOA-3



O Presépio da porta principal dos Jerónimos

NATAL

HAVIA naquela mesma região pastores que vigiavam e revezavam entre si as vigílias da noite, para guardarem os seus rebanhos.

E um anjo do Senhor desceu junto deles e a claridade de Deus os cercou de refulgente luz e ficaram tomados de grande temor.

Porém, o anjo lhes disse: — *Não temais, porque eis aqui vos venho anunciar boa nova de grande alegria, que o será para todo o povo: é que hoje vos nasceu na cidade de David o Salvador, que é Cristo, o Senhor. E este é o sinal que vo-lo fará conhecer; encontrareis um menino envolto em faixas e deitado numa manjedoura.*

E sùbitamente apareceu, com o anjo, uma multidão da milícia celestial, louvando a Deus e dizendo:

GLÓRIA A DEUS NAS ALTURAS E PAZ NA TERRA ENTRE OS HOMENS, A QUEM ELE QUER BEM.

Lucas, 2-8 a 14

★

Sempre Pronto deseja a todos os seus amigos — leitores, colaboradores e correspondentes — um Natal muito Feliz.

★

Mas o melhor meio para alcançar a felicidade é contribuir para a felicidade dos outros.

B.-P.

Imobilismo e imobilidade

AS palavras sofrem fenómenos muito semelhantes àqueles que afectam os humanos. Tal como estes, as palavras nascem, desenvolvem-se, reproduzem-se, fazem-se velhas e morrem. Parecem-se também com as pessoas porque palavras da mesma ascendência, perfeitamente irmãs, criadas no mesmo berço, adquirem, nos trambolhões da vida e nas ligações que fazem, caracteres completamente distintos. Estão neste caso os vocábulos *imobilismo* e *imobilidade*. A primeira é a irmã mais nova. Cândido de Figueiredo, no seu conhecido dicionário, classifica-a de neologismo. De facto, não era palavra muito conhecida, mas hoje está na moda, todos a citam e dela se utilizam para reforçar pensamentos. Os políticos usam-na para condenarem regimes que a seu parecer não evoluem para formas de governo compatíveis com o progresso ou se mostrem incapazes de fazer face às realidades do presente século. Serve, em religião, para referir igrejas que permanecem imutáveis, sem tomarem conhecimento das necessidades do mundo moderno, impossibilitadas de dar resposta aos apelos da humanidade angustiada pelas contradições da hora presente. É imobilista a Escola que usa processos bafientos ou ministra ciência ultrapassada. Classificam-se ainda de imobilistas os indivíduos sistemàticamente avessos a todas as inovações, agarrados a conceitos tradicionais insubsistentes.

Confunde-se, no entanto, muitas vezes imobilismo com imobilidade. São das tais palavras irmãs, têm o mesmo étimo, bastante parecidas no aspecto físico, mas com alma diferente. Imobilismo, porque se ligou ao sufixo «ismo», é doutrina, sentimento, uma forma de reagir perante a vida, aversão a tudo que signifique progresso e consequente paixão pelo antigo; imobilidade, por acção do sufixo «dade», é inércia, estado daquilo que se não move. Uma instituição pode ser activa e estar eivada de imobilismo por adoptar fórmulas obsoletas, arcaicas. O termo está sendo usado para definir movimentos de reforma religiosa. Diz-se, por exemplo, que a Igreja Católica Romana quebrou o seu imobilismo com as notáveis decisões do seu Concílio.

Outras igrejas quererão enjeitar o libelo de imobilismo, alegando que estão introduzindo modificações na sua orgânica, ritos ou doutrinas. Mas importa saber qual é o sentido desse movimento. Pode tratar-se de um endurecimento da paixão pelo arcaico, um retrocesso, uma forma de acentuar um imobilismo evidente.

Segue na página 5

COMPREENDA O PROBLEMA

A AVIAÇÃO SUPERSÓNICA

Foi durante a Grande Guerra Mundial que a aviação entrou num período de desenvolvimento excepcional, que, nos nossos dias, culminaria com a construção de extraordinárias aeronaves, providas de potentes motores de reacção, que permitem velocidades incríveis e dão aos aparelhos um raio de acção até determinada altura insuspeitado.

Enquanto as velocidades atingidas pelos aviões se conservaram afastadas da chamada *barreira do som*, podia-se dizer, em termos simplistas, que o problema se limitava a projectar motores cada vez de mais elevada potência e a delinear aparelhos cujos perfis diminuíssem, o mais possível, o atrito com as camadas atmosféricas. Era o tempo das velocidades *subsónicas* ou *infra-sónicas*.

A entrada em acção dos reactores, veio, por um lado, oferecer os meios de alcançar maiores velocidades, e por outro, pôr em equação os problemas inerentes ao *regime transónico*, isto é, os que são provocados pelos fenómenos que se registam quando se passa das velocidades *infra-sónicas* (as inferiores à velocidade do som), para as *supersónicas*, (as superiores à velocidade do som).

O som e a navegação aérea

A respeito deste assunto, deve dizer-se que a velocidade de propagação do som é diferente, consoante a densidade e a temperatura do meio através do qual ela é feita. No elemento gasoso, a velocidade do som é inferior, por exemplo, à velocidade de propagação nos líquidos, sendo esta, contudo, inferior à que se verifica através de um elemento sólido. Por outro lado, no vácuo a propagação do som não se faz.

No ar, a 15° C. e ao nível do mar, o som propaga-se a uma velocidade de 340 metros por segundo. Esta velocidade varia consoante as altitudes. Assim, no cimo de uma alta montanha, onde a atmosfera está mais rarefeita, um tiro de pistola não faz mais ruído que, na planície, o estalar de um chicote.

Quando a velocidade do som e a de uma aeronave se equivalem, diz-se que a velocidade desta corresponde ao *número de Mach*, ou seja *Mach 1*, denominação adoptada em homenagem a Ernst Mach, físico austríaco do século XIX. Nesta conformidade, a velocidade de *Mach 2* será a correspondente a duas vezes a velocidade do som.

Em virtude de, como já dissemos, a velocidade do som ser variável, a velocidade de uma aeronave fica mais bem caracterizada empregando-se os indicativos *Mach 1* (ou *M-1*), *Mach 1,5*, *Mach 2*, etc., ou seja, a sua relação com a do som, que considerando-a nos seus valores reais em relação ao espaço percorrido numa determinada unidade de tempo. E isto porque tem uma importância preponderante a relação daquelas duas velocidades. Vejamos porquê.

As ondas de pressão

Um corpo, ou, no caso que neste momento mais nos interessa — um avião — que se move no espaço, dá origem a variações de pressão, que são transmitidas por esse corpo à atmosfera sob a forma de ondas esféricas. Estas ondas deslocam-se no espaço a uma velocidade precisamente igual à do som.

Sendo assim, é intuitivo que, quando um corpo se move a uma velocidade inferior à do som, essas ondas precedem esse corpo, já que estão animadas de uma velocidade maior.

Este fenómeno tem importância transcendente na aviação, pois as partículas de ar são, diremos, «avisadas», com antecedência, da chegada do avião e desviadas antes da sua passagem, o que tem como resultado uma diminuição da resistência à passagem da aeronave, motivada pela modificação da pressão existente. Nestas condições, o corpo que se desloca nunca se encontra com as perturbações a que deu origem.

A barreira do som

O problema surge quando a aeronave transpõe a fronteira do *regime transónico*, ou seja, quando atinge uma velocidade da ordem de *Mach 0,7* em que uma série de fenómenos muito complexos começam a manifestar-se, originados pelas ondas de choque. E' a velocidade crítica, em que o ar se torna extremamente sensível, pois se decompõe em linhas de pressões máximas sucessivas. O mais insignificante obstáculo, um grão de poeira que seja sobre o perfil de um avião, será a origem de violentas ondas de choque. E' o regime que se caracteriza por uma evidente discontinuidade de fenómenos.

A resistência ao avanço cresce desmedidamente; o valor da força de sustentação cai bruscamente; os comandos ora se mostram de extrema dureza, ora frouxos em demasia; há modificações de centragem e do centro de presssão; a estabilidade do avião é afectada, mostrando este, por vezes, pronunciada tendência para picar. Tudo isto torna a navegação aérea, dentro deste regime, muito difícil, pois exige dos pilotos um alto índice de competência profissional. Tais inconvenientes impõem que se transponha, com a maior rapidez, esta zona de perturbações, o que só é possível com um aumento nítido da potência das máquinas voadoras.

A passagem da barreira do som vem dar origem a uma série de perturbações semelhantes a uma explosão, a que se dá o nome de *bang* ou *boom* ou ainda *estrondo sónico*. Os seus efeitos propagam-se em linha recta e, se atingem a superfície terrestre, são ouvidos como se se tratasse de um trovão forte, abalando portas e janelas. Podem ser perniciosos, se provocam o estilhaçamento de vidros ou rebentamento do estuque das casas, sacudindo os seus moradores. O estrondo sónico, que varia com o peso e o volume do avião, o estado do tempo e o vento e a temperatura, pode fazer sentir os seus efeitos no solo num raio de mais de 40 quilómetros.

Tem-se conseguido fazer recuar a barreira sonora, dando às aeronaves um perfil mais fino, o que faz com que cortem o ar como se fossem um cutelo. O avião abandona, assim, a sua clássica forma de pássaro, para adoptar outros perfis, em que aparecem as asas em delta ou em posição de flecha. Assemelhar-se-á cada vez mais a um projéctil.

Outro expediente para diminuir os inconvenientes do *bang* na superfície terrena é o de fazer com que os aviões, ao levantarem voo, o façam a velocidades subsónicas, e só se tornem «supersónicos» quando atinjam grandes altitudes.

O voo supersónico

Ultrapassado o regime transónico, o que acontece quando se atingem velocidades da ordem de *Mach 1,3*, entra-se no regime supersónico, no qual os inconvenientes da discontinuidade de fenómenos, que enumerámos acima, desapareceram. Há, porém, que

tomar em linha de conta, então, a aproximação de outro problema de complexa resolução: a barreira do calor, que assume grande acuidade em velocidades *hipersónicas*, como se denominam as que se caracterizam por um número elevado de *Mach (Mach 3, 4,* etc.).

De facto, quando se entra decididamente na zona das velocidades acima de *Mach 2*, as temperaturas a que ficam sujeitas as estruturas dos aviões são da ordem de várias centenas de graus centígrados. Durante a Guerra Mundial, algumas das famigeradas bombas voadoras V-2 fundiam-se e rebentavam antes de atingirem os seus objectivos. Os alemães verificaram, depois, que na superfície desses projécteis se registavam temperaturas superiores a 850° C.

Estas temperaturas desenvolvem-se mercê do atrito do ar sobre a superfície dos aviões, pelo que, com o fim de permitir que estes suportem um aquecimento tão elevado, têm sido estudadas, com êxito, ligas metálicas à base de alumínio ou titânio, e outros materiais. Com a mesma finalidade, o invólucro dos aviões passou a ser constituído por várias camadas sobrepostas, sòlidamente soldadas.

A aviação comercial

Estes progressos da aviação só foram possíveis com o advento da era do jacto, que dotou as aeronaves com poderosos reactores e tornou obsoletos os clássicos aparelhos de hélice e de motores de pistões. Todavia, forçoso é confessar, que têm sido quase sempre as necessidades militares, e não as impostas pela aviação comercial, que têm imprimido à aeronáutica este surto de desenvolvimento.

Foi com a Guerra Mundial que a aviação beneficiou de um tal impulso renovador, que se tornou ponto de partida para a era dos motores de reacção.

Presentemente, as firmas construtoras de aviões, que têm o apoio dos governos dos seus países, procuram dotar as linhas comerciais com aparelhos de reacção que tornem possível viagens mais rápidas e económicas. Para atingir esse objectivo, é necessário atender, em primeiro lugar, ao binário tempo-consumo de combustível. Efectivamente, um novo modelo de avião só oferece interesse económico desde que reduza o tempo gasto em cada percurso, já que isso lhe permite realizar maior número de viagens em igual espaço de tempo. Porém, como o aumento de velocidade representa também o consumo de maiores quantidades de combustível, os técnicos construtores chegaram à conclusão de que só é possível alcançar a meta económica, aumentando o número de lugares para passageiros e fazendo com que o avião voe a uma velocidade ideal, que se situa entre os valores de *Mach 2,2*, já longe das perturbações do regime transónico, e os de *Mach 3*, em que a exploração atingirá um custo aproximado ao das viagens de navegação no regime subsónico. Essas viagens realizar-se-ão a altitudes de cerca de 20 000 metros, pois que, quanto mais longe do solo se realiza um voo, mais barato ele se torna, por motivo da menor resistência que a atmosfera rarefeita das grandes altitudes oferece à passagem de um aparelho. Além disso, o voo a grandes alturas furta os aviões às perturbações atmosféricas, próprias dos níveis baixos da atmosfera.

Todas estas condições que se põem à eficiência da navegação comercial, vão fazer com que, no futuro, os aviões revelem uma tendência nítida para assumir sempre maiores dimensões.

O delineamento e construção de um novo modelo de avião é tarefa que demanda um estudo aturado durante um período calculado em cerca de oito anos. Por isso, as grandes inovações da aeronáutica comercial ainda não fizeram o seu aparecimento, embora seja de crer que tal acontecimento já não se faça demorar muito. Aguardemos, pois, a entrada em servico, nos próximos anos, de velocíssimos modelos de aviões, os quais ligarão os continentes mais afastados em tempos incrìvelmente curtos e a preços mais económicos que aqueles que presentemente são exigidos.

J. R.

De acordo com os Regulamentos...

Cartas para a Lapónia

Os correios da Grã-Bretanha sabem responder às perguntas mais estranhas. Com efeito, existe uma secção de informações onde, com toda a naturalidade, lhe dirão quanto custa enviar uma encomenda para a Terra de Baffin ou quanto tempo demora uma carta para chegar às Ilhas Salomão.

Mas — e, acima de tudo, nunca digam isto a uma criança — eles não sabem onde vive o Pai Natal.

Para os funcionários dos correios, a maior das dores de cabeça do ano começa normalmente por volta dos fins de Outubro, quando nas boas lojas e nos grandes armazéns começam a aparecer uns cavalheiros idosos e de barba branca, com um barrete na cabeça e embrulhados numas curiosas vestes encarnadas bordadas de arminho.

É então que as crianças começam a escrever para o Pai Natal — no País das Fadas, no Pólo Norte, no País das Renas, na Lapónia, na Islândia — a pedir-lhe que traga uma boneca, um urso, um fato espacial, uma bicicleta ou um comboio em miniatura. Depois, e contendo os nervos, as crianças sentam-se e esperam que os seus presentes apareçam, «via chaminé», aos pés da cama na manhã do Dia de Natal.

Tenham pena do desgraçado homem dos correios. Que poderá ele fazer com todos estes pequenos e ansiosos recados, à medida que eles vão entrando, num ritmo sempre crescente, nas mesas de distribuição?

De muito boa vontade, ele meteria a mão no bolso para satisfazer os desejos que ele sabe estarem contidos naqueles sobrescritos preenchidos com rabiscos infantis.

Mas tudo o que ele pode fazer é tratar da correspondência do Pai Natal de acordo com as instruções contidas num livro vermelho e muito grande.

Ele diz-lhe muito claramente o que tem a fazer E, acreditem ou não, se uma carta é endereçada ao Pai Natal, na Lapónia, é mesmo para a Lapónia que ela vai. E se o destino indicado é a Islândia, vai mesmo para a Islândia.

De acordo com o Regulamento dos Correios, cada peça de correspondência deverá ser entregue no destino que indica.



FOI ASSIM MESMO...

Dez anos depois. Surge o 7 de Fevereiro de 1927, data a manchar de sangue uma vez mais a História do nosso país.

.....

Manuel de Bettencourt! Dezasseis anos travessos mas bons, constituíam o enlevo e a esperança daquele lar onde havia piedade e amor para com o próximo. Quis ser escoteiro e ingressou no DOIS, então na Escola de Rodrigues Sampaio.

.....

Na rua do Arsenal, a luta, mais renhida, não afrouxou com a chegada do carro da Cruz Vermelha, onde tremulava a bandeira simbólica empunhada por Manuel de Bettencourt, que num momento, salta do carro, lesto como um gamo, para de rastos ir buscar um ferido, levando-o, multiplicadas as suas forças, para a ambulância. Lá seguiu o carro e ele, de pé, a perscrutar o caminho, à procura de mais feridos, expunha-se às balas, quando a voz do chefe do carro lhe gritou que se deitasse. Sem titubear, como momentos antes acontecera ante a mãe, foi pronta a resposta: *«Não estou aqui para me deitar! Estou aqui para levantar feridos!»* Pobre criança cujo fim estava marcado pelo Destino!

Uma bala traiçoeira, surda a tais palavras, cega a tais acções, pagou com a Morte o sacrifício da Vida daquele inocente escoteiro que, cumprindo a sua Lei, procurou, tão tenro ainda, ser útil ao seu semelhante, praticando o Bem.

FAUSTINO LEITÃO

Notícias de ANGOLA

Grupo n.º 36 — Luanda

Apresentou-se neste Grupo o sr. Manuel B. N. Amorim, antigo dirigente do Grupo n.º 4 do Porto, que, como representante da Direcção da A. E. P., fez entrega das devidas credenciais, tendo havido uma reunião com os srs. António Rodrigues de Figueiredo, Zeferino Pereira Bastos e Carlos Magno do Nascimento Pescada, respectivamente Chefe, Chefe-Ajudante e Chefe de Clã desta unidade. Foram tratados dos assuntos que se prendem com a reorganização e reconhecimento oficial do Grupo, com vista a um maior desenvolvimento do Escotismo nesta Província.

Atendendo a que o Chefe Figueiredo prestou já bons serviços ao Grupo n.º 36 e que a sua idade aconselha a ocupar um lugar compatível com a mesma, de forma a deixar a chefia a um dirigente mais jovem, o Delegado dos Serviços Centrais propôs que o Chefe Figueiredo ocupasse um cargo na Direcção do Grupo.

O assunto está a ser ultimado, pelo que brevemente será dada a conhecer a nova constituição daquele Grupo, nomeadamente a sua Direcção e Chefia. Entretanto, as actividades escoteiras prosseguem normalmente sob a direcção do Chefe-Ajudante e do Chefe de Clã. No dia 1 de Dezembro, na Floresta da Ilha de Luanda, realizou-se a promessa solene dos novos escoteiros, bem como a ratificação do Compromisso de Honra pelos seus dirigentes.

E' esperado este mês em Luanda o Escoteiro-Chefe-Geral sr. Comandante António Tengarrinha Pires, a quem os escoteiros deste grupo dispensarão afectuoso acolhimento.

I Feira Comercial de Luanda

O «36» foi convidado a colaborar com os Bombeiros Voluntários de Luanda na I Feira Comercial desta cidade, organizada por esta corporação de bombeiros a favor das cantinas escolares. Dado o fim a que se destina a iniciativa, este Grupo ofereceu os seus préstimos com todo o entusiasmo. — *C. P.*

A quadra do Natal mais prolongada

para crianças refugiadas

No ano passado, a quadra do Natal para as 47 crianças que vivem na aldeia infantil de Pestalozzi, no sul da Inglaterra, começou em 6 de Dezembro e encerrou-se no dia 6 de Janeiro deste ano.

Descreveu-a o monitor Warden como *«um Natal inglês com ligações europeias»*, pela razão de haver ali muitas crianças originárias de diferentes nacionalidades. A religião e os hábitos nacionais de cada país são lealmente respeitados.

A aldeia deve o seu nome ao Centro Pestalozzi, criado na Suíça no princípio da Segunda Guerra Mundial, para servir de residência de crianças refugiadas. Para muitas delas, a quadra do Natal começou no dia de S. Nicolau, em 6 de Dezembro do ano passado, em que os sapatinhos colocados no fogão, na noite anterior, foram cheios de nozes e laranjas. Para outras, o dias mais importante foi o dia 24, véspera de Natal, se bem que cada uma festejasse o dia de Natal em 25 de Dezembro.

Em 6 de Janeiro, chegou a vez daqueles que pertencem à religião ortodoxa, cuja festa é guardada para aquele dia. Não houve falta de presentes que foram prometidos por grande número de escolas britânicas e outros benfeitores, assim como também pelo povo da aldeia Sedlescombe, onde a escola está sendo construída.

Cada pequena «família» de crianças refugiadas terá a sua própria casa «nacional» em que se falará a sua própria língua.

FRATERNAL DOS ANTIGOS ESCOTEIROS

Secção de Campismo

Esta secção promoveu a realização de mais uma simpática reunião no Parque de Escotismo da Costa de Caparica, a Festa do Magusto, de tradições dentro do Grupo n.º 1.

Foi uma agradável actividade em que estiveram presentes 30 pessoas, entre «Antigos» e famílias.

Comemorações do 1.º de Dezembro

Como é tradicional, a nossa Fraternal prestou respeitosa homenagem aos Heróis da Restauração, depondo na base do Monumento uma bonita palma de flores. 'A volta do estandarte da Fraternal reuniram-se mais de meia centena de companheiros.

'A semelhança dos anos anteriores, as comemorações deste Dia incluíram ainda o habitual jantar de confraternização, que esteve bastante concorrido e decorreu no costumado ambiente de alegria e fraternidade.

Actividades próximas

A Direcção está já empenhada no programa de futuras realizações, das quais se dará oportuno conhecimento.

Entretanto, a Secção Cultural prepara a realização de algumas visitas culturais, que despertarão certamente o maior interesse.



O Escotismo Através do Mundo

O 5.º Festival Internacional do Filme Escoteiro vai realizar-se em Veneza em Fevereiro de 1966

A Secretaria deste Festival dirigiu convite a todas as associações escoteiras para participarem neste certame, que se propõe contribuir para a difusão do método escoteiro para formação e educação da mocidade.

Neste festival, podem participar não só as associações escoteiras, mas quaisquer produtores de filmes que estejam habilitados a participar com filmes escoteiros. Os interessados poderão dirigir-se à Associação dos Escoteiros de Portugal que possui o regulamento do Festival.

SERVIÇOS CENTRAIS

Encerramento do 2.º Curso Preliminar da I. M.

Com a presença do Escoteiro-Chefe-Geral, realizou-se no dia 15 de Novembro a sessão de encerramento do 2.º Curso Preliminar da Insígnia de Madeira, curso que decorreu, com grande entusiasmo, durante os meses de Setembro, Outubro e Novembro.

Estiveram igualmente presentes, além de uma patrulha de escoteiros, o Secretário-Geral da A. E. P., os chefes-gerais adjuntos, o Presidente e outros Directores da Fraternal, o Chefe do Núcleo de Lisboa e alguns chefes dos grupos.

Dando início à sessão, o Chefe D.C.C. Eng.º Nobre Santos, Director do Curso, referiu-se à utilidade e fins dos cursos da I. M., fazendo diversas considerações sobre o trabalho dos componentes deste curso, após o que deu a classificação final das patrulhas, que é a seguinte:

1.º «Cuco»... 171 pontos (82 % do máx. possível)
2.º «Picapau»
3.º «Búfalo»

Seguiu-se a entrega dos diplomas e lembranças aos participantes.

Aproveitando esta reunião, o Chefe do Núcleo de Lisboa leu uma saudação de despedida ao Escoteiro-Chefe-Geral, que dias depois partiria para o Ultramar, conforme referimos no nosso número anterior.

Aquele dirigente agradeceu a saudação e votos de boa viagem dos escoteiros de Lisboa e, num brilhante improviso, teceu alguns comentários à situação do Movimento na nossa Associação, referindo-se à sensibilidade excessiva de alguns dirigentes, pedindo que esses se preocupem igualmente com a sensibilidade do seu semelhante.

Depois de manifestar a sua aversão a «homenagens» pelo que muitas vezes revelam de falso, disse da sua satisfação por se encontrar entre escoteiros, onde tudo é normalmente simples e sincero.

Voltando aos problemas que preocupam a Chefia Geral, pediu a todos que se lembrem dele, enquanto estiver ausente, afirmando que, para a resolução de muitos problemas, bastará que cada um pense se os seus actos poderão feri-lo ou satisfazê-lo, e disse:

«Todos poderão ajudar-me enquanto estiver longe e, para isso, basta que façam O MELHOR POSSÍVEL».

Ao terminar, foi efusivamente saudado pelos presentes, à maneira escotista.

Daqui Algarve

Foi-nos grato registar o programa dos trabalhos para 1966 elaborado pelo Núcleo do Sotavento do Algarve. E porque do mesmo consta um passeio de estudo e propaganda ao Barlavento, no dia 17 de Julho, oxalá tenhamos a dita de, em tal data, ver em campo progressivo o Grupo de Escoteiros de Lagos que, contando presentemente com algumas dezenas de jovens entusiastas, tem pela sua frente o obstáculo da sede onde possam actuar com a liberdade de movimentos que o Escotismo requer.

Joaquim de Sousa Piscarreta

Imobilismo e imobilidade

Continuação da página 1

Mas na religião o problema é complexo. Realmente no Cristianismo há progresso quando se regressa à origem. Parece um paradoxo, mas é autêntico. Se Jesus Cristo tem uma resposta permanente para os anseios do Homem, avança-se quando a Ele se regressa. Por isso se diz que a Igreja é Cristocêntrica.

Todos os movimentos de ideias têm um pouco deste espírito. Os anos e os hábitos enfraquecem o seu vigor e a evolução do mundo desactualiza-os. Carecem de ser revistos, transformados, reformados para que possam progredir. Estes avanços, porém, têm de ser temperados por um regresso à origem para que evoluam sem se desvirtuarem. Fomos buscar exemplos porque se adaptam ao Escotismo. Por toda a parte se revela esta preocupação de colocar o Movimento ao nível da época actual, de forma a satisfazer os anseios de uma juventude que, após a última guerra, evoluiu e se transformou de forma tão surpreendente que escandaliza os espíritos imobilistas. Não podemos pretender que o Escotismo continue a interessar os rapazes se persistirmos em usar processos que deram muito resultado há 50 anos. Há que encarar o problema. Até na Inglaterra, tantas vezes injustamente acusada de conservantismo e apesar de ser o berço do Escotismo, se procura fazer face a esta situação, tendo sido nomeada uma comissão para estudar a reforma dos métodos escoteiros com vista a manter o Movimento em dia com os mais modernos processos pedagógicos de maneira a corresponder aos anseios e gostos da gente nova. Poder-se-ão adoptar novas técnicas, outros sistemas, lançar mãos de novos recursos, transformar ou dispensar o uniforme, mas no entanto manter inteira fidelidade aos princípios e objectivos que estão na origem do Escotismo, como movimento essencialmente educativo e profundamente humano.

Em Portugal não podemos ignorar este problema. Teremos urgentemente de sacudir a inércia e ao mesmo tempo procurar essa actualização de métodos. Estamos afinal sofrendo dos dois males: Imobilidade e imobilismo. Precisamos de abrir as janelas e deixar entrar uma lufada de ar fresco que gere nova vida. O Movimento tem de se integrar na hora que vivemos. Acertar o passo pelo progresso, acompanhar com entusiasmo os grandes empreendimentos da hora actual, tanto no plano social, como nacional e até universal. Há problemas no mundo que um movimento educativo não pode ignorar. Por toda a parte o Escotismo está desperto, levando os jovens a interessarem-se pela vida. Precisamos de actividades cheias de aventura, de energia, de generosidade, de vistas largas, que conquistem e entusiasmem os rapazes que pretendemos conduzir para a vida, uma vida que cada vez mais deles exigirá.

E. R.

GANHE 25.000$00

EM ARTIGOS ELECTRODOMÉSTICOS

Na compra de um **Rádio**, de um **Televisor** ou de um **Gira-discos** da famosa marca **«PHILIPS»** ser-lhe-á entregue uma senha que o habilita a este magnífico prémio na

ELECTRO BRILHANTE

único **agente oficial PHILIPS** na

Rua dos Douradores, 78-80 LISBOA-2

Os Escoteiros das Filipinas agradecem a colaboração dos Escoteiros de Portugal na homenagem aos escoteiros que perderam a vida no desastre de aviação

Conforme oportunamente anunciámos, os Escoteiros de Portugal, correspondendo ao apelo feito para que fosse enviada uma pedra de Portugal para o mausoléu a levantar à memória dos Escoteiros Filipinos que perderam a vida na viagem de avião para o Jambori da Grécia, enviaram para ali um rectângulo de mármore português.

Os Escoteiros Filipinos, por ofício assinado pelo seu Escoteiro Chefe Nacional Executivo, sr. Godofredo P. Neric, afirmam que apreciaram profundamente a nossa contribuição para o Monumento e estão muito gratos pela nossa fraternal expressão de simpatia. Este monumento será um símbolo da fraternidade de todos os povos e particularmente dos Escoteiros de Portugal.

A pedra de mármore fará parte do Mausoléu e permanecerá como prova da amável solicitude dos Escoteiros de Portugal em colaborar na homenagem aos Escoteiros falecidos e será ainda um testemunho dos ideais do Movimento Escoteiro, lê-se naquele ofício.

Podemos acrescentar que os Escoteiros Filipinos demonstraram naquela triste ocasião um tão elevado espírito escoteiro, que bem mereceram a simpatia do Escotismo Mundial.

Convites para o próximo ano

Continuação da página 8

um local de grande beleza para uma esplêndida estadia.

O programa inclui prática da montanha, discussões, trabalho com cartas topográficas e bússola, estudo da natureza, navegação e canoísmo. O custo, por pessoa, é de 9 libras, ou seja Esc. 720$, incluindo acomodação e alimento.

Os Escoteiros e Dirigentes de países estrangeiros que visitem a Escócia podem ainda servir-se do local para outras actividades de sua iniciativa. Sugestões para acampamentos, montanhismo, turismo, etc., poderão ser feitas desde que sejam pedidas.

O Albergue Escoteiro de Edimburgo pode também ser utilizado por Escoteiros que visitem esta região.

Acampamento Nacional da Islândia

Os Escoteiros da Islândia vão realizar o seu Acampamento Nacional de 24 a 31 de Julho próximo, num local a 100 km. ao norte da sua capital, Reykjavik, uma zona das mais férteis do país e interessante para excursões. Contam com a presença de 2000 Escoteiros e Guias e gostariam de contar a presença de Escoteiros de Portugal.

*

Os Escoteiros interessados em aproveitar estas interessantes oportunidades, deverão dirigir-se à Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal, Cais do Sodré, Lisboa 2, que dará todas as informações e poderá aceitar as respectivas inscrições.

JUVENTUDE VÍTIMA, JUVENTUDE HERÓICA

No artigo que, sob este título, publicámos no último número, da autoria do nosso prezado colaborador sr. Rev. Eduardo Moreira, diz-se que «o prémio Valmor é desde há anos concedido a pequenos heróis portugueses», o que se deve a um lamentável lapso de revisão, pois, como é do conhecimento geral, é o prémio Valflor que é conferido nestas circunstâncias.

Por este motivo, pedimos desculpa tanto aos nossos prezados leitores, como ao nosso distinto e estimado colaborador.



A boa acção

Naquela noite, terminado o Conselho de Guias, os escoteiros recolheram a suas casas.

Porém, o Carlos apreensivo não conseguiu conciliar o sono, recordando as palavras do Chefe Guilherme: «*Está quase a chegar o Natal. Nesta quadra, mais do que em qualquer outra, devemos pôr em prática os nossos sentimentos de fraternidade. Cada patrulha deverá praticar a sua* Boa Acção *do Natal*».

Alguns guias tinham logo lembrado que se poderia fazer uma grande festa, com distribuição de guloseimas e brinquedos, para as crianças mais necessitadas do bairro. Outros, lembraram que se poderia oferecer um jantar, ali na sede, a alguns velhinhos pobres.

Mas o Carlos gostaria de fazer coisa diferente com a sua patrulha. E' certo que ele gostaria de dar de comer aos pobres, mas isso faz diàriamente sua mãe a alguns velhinhos que lá por casa apareciam a pedir esmola. Para quê obrigar que criaturas menos afortunadas exibam a sua miséria, apenas por uma refeição? Acaso necessitarão só de uma refeição por ano?

Também ele gosta muito dos mais pequenos e aos mais pobres da sua rua frequentemente emprestava os seus brinquedos e com eles dividia bolos e guloseimas, conforme lhe ensinara o pai. Mas seria justo que os garotos mais necessitados, alguns também escoteiros e lobitos, percebessem que para eles só havia a alegria do Natal por esmola de outros maiores mais afortunados?

Quanto à ideia do João, de todos os escoteiros inscreverem numa lista o seu donativo, bem como dos amigos e parentes, distribuindo por algumas famílias o produto dessa subscrição, era ainda mais desagradável. Claro que uma ideia daquelas só poderia vir de um menino rico, que apenas conhece a pobreza através dos chás de caridade que a mãe frequentemente organiza, onde muitas senhoras, de casacos de peles, falam dos necessitados da sua escolha ou que lhes foram recomendados.

O Carlos ia matutando em tudo o que ouvira aos seus companheiros, já que o Chefe, propositadamente, não emitira qualquer opinião.

Não é que não fossem boas as intenções dos outros guias, uma vez que socorrer os necessitados é sempre uma *Boa Acção*. Mas no seu cérebro de 15 anos, já dado a cogitações mais próprias de adultos, repetiam-se algumas interrogações: «*Não será humilhante, para os necessitados, esmolar dos outros a felicidade de um só dia? Será necessário que apregoemos, aos sete ventos, o nome daqueles a quem matamos a fome uma só vez? Acaso não deve a esquerda ignorar o que a direita oferece?*»

O Carlos não gosta de se exibir. O seu coração bom manda-lhe tratar todos como iguais. Ele gostaria de encontrar uma ideia para a *B. A.* da sua patrulha.

*

Como de costume, levantou-se cedo e bem disposto. Apesar da manhã estar fria, abriu a janela de par em par, deixando entrar o sol luminoso e bom. Do seu terceiro andar, a vista sobre a cidade é deslumbrante. Uma vez mais se quedou extasiado, olhando o casario que desce até ao rio, recortando-se o perfil imponente das novas construções, que aos poucos vão modernizando o bairro, com as suas pinturas alegres e garridas, contrastando com a brancura das casinhas mais modestas.

Lá está o beco onde fica a sede do Grupo, com o estendal de roupa branca em frente das portas e janelas. Mais para além, o parque como uma enorme mancha verde, interrompida aqui e ali, por clareiras onde o terreno rochoso é recortado por enormes depressões, mais parecendo bocarras enormes. Carlos recordou algumas das suas brincadeiras, grandes aventuras vividas ali nas rochas, onde existem muitas grutas. Que pena naquelas grutas viver gente. Como devem ter frio agora. Um arrepio percorreu o corpo de Carlos, mas uma bela ideia lhe iluminou o espírito: a sua patrulha iria realizar uma *B. A.* própria de escoteiros.

*

Era véspera de Natal. Por toda a parte um ar festivo que anunciava o acontecimento ímpar na vida dos povos.

No Grupo, os escoteiros haviam terminado a sua reunião, comemorando fraternalmente o Grande Acontecimento. Todos se dirigiram para as suas casas, onde as famílias os aguardavam para a Ceia do Natal, que se realizaria dali a algumas horas.

Mas os «Águias» tinham ainda uma missão a cumprir. Por ela haviam trabalhado todo um mês, realizando festas, juntando jornais e velharias para vender, sacrificando o dinheiro destinado a bolos ou ao cinema, reunindo em suas casas e nas dos amigos agasalhos e calçado usados, mas sempre discretamente, sem alardes. A missão era secreta e nenhum dos elementos da patrulha revelara a ideia de Carlos, que eles haviam abraçado com entusiasmo.

A patrulha dirigiu-se silenciosamente para uma quinta já no extremo do bairro, onde, num pequeno barracão, haviam reunido tudo o que fora possível conseguir para dar forma à sua *B. A.*

Discretamente, em grupos de dois, os escoteiros foram saindo, sobraçando embrulhos que iam entregar com uma palavra de carinho em todas as cavernas das rochas e em algumas das casas mais pobres do bairro, onde a sua presença nem sequer era esperada.

Os pobres nem chegaram a saber quem lhes mandara aquelas ofertas. Apenas sabiam que, graças àqueles meninos, teriam boa comida para o Dia de Natal e agasalhos para o inverno tão rigoroso.

Terminada a distribuição, todos se reuniram de novo. Embora muito impressionados com tanta miséria que se apresentara aos seus olhos, estavam felizes. Os seus nomes não viriam nos jornais e, no bairro, apenas se saberia, pela boca dos pobres reconhecidos, que um grupo de rapazes bons, movimentando-se misteriosamente naquela noite

Posto de Observação

De novo um velho tema

Li recentemente que a Chefia-Central começou já a preocupar-se com a preparação do próximo Acampamento Nacional, prometido para 1966.

Depois de um interregno de de 13 anos, ver retomar um ritmo tão prometedor é facto de assinalar, ao qual não regateio os meus aplausos.

Pena é que a marcação de Nacionais, ou mesmo a sua realização, ainda que com algum brilho, fruto de um esforço momentâneo, não consiga insuflar no nosso Movimento a acção de que ele tanto carece.

Tomemos por exemplo a Região Centro que é aquela até onde a minha vista fàcilmente alcança.

Depois de um ano de completa estagnação que se seguiu à realização do último Acampamento Nacional, parece pertinente perguntar o que se esperará de outro.

Tanto quanto consegui aprender com a dedicada atenção às coisas escotistas, um Acampamento Nacional é uma manifestação colectiva da pujança do Movimento, numa Associação, uma competição ao mais alto nível em que cada Grupo ou cada Região apresenta aquilo que de melhor conseguiu fazer no período decorrente desde a última actividade similar.

Não sou contra a realização de Acampamentos Nacionais, entenda-se. Nem sequer desejo contrariar a sequência destas actividades.

Muito pelo contrário, desejaria que fosse possível a sua realização, anualmente, mas que isto representasse o complemento brilhante de um ano de actividade intensa, em que o Rapaz, numa competição mais larga, encontrasse o prémio de uma preparação entusiástica e valiosa.

Mas onde está o Rapaz para essa competição? Acaso se descobriu a fórmula de fazer boas actividades escotistas sem rapazes?

E' possível que o Movimento esteja um tanto diferente dos tempos do meu «Compromisso», mas não duvido que continua a pensar-se que o Escotismo é para jovens.

Não podemos exigir à Chefia-Geral que faça tudo. Mas, por meu lado, considero improfícuo o exaustivo trabalho necessário para erguer um Acampamento Nacional, quando se não dispõe de tempo e possibilidades para prestar uma tão desejada assistência aos poucos grupos existentes, que vão definhando à míngua de orientação apropriada.

B.-P. não iniciou o Escotismo com um Jambori, — mas sim com um pequeno acampamento de treino, acompanhado de 10 ou 12 rapazes. Mas, com ele estava a boa semente.

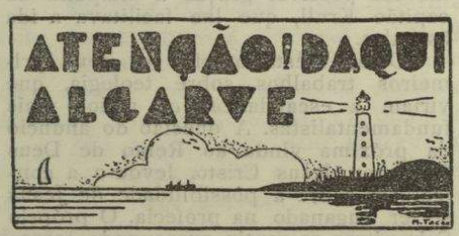
M. G.

---

fria, levara a alegria do Natal aos lares mais pobres.

O Carlos estava contente. A patrulha A'guia fizera a sua *B. A.* do Natal.

MARIANO GARCIA



O Cortejo de Oferendas de Olhão

Registou assinalado êxito o cortejo de oferendas que se realizou no último domingo de Novembro e que percorreu a Avenida da República. Entre cerca de uma dezena de carros, alguns dos quais muito bem ornamentados, salientaram-se os organizados pelo Corpo de Bombeiros e pelos Escoteiros do Grupo n.º 6, daquela laboriosa vila.

Segundo se calcula, o cortejo deve ter rendido cerca de cem contos, cifra que decerto irá proporcionar um maior auxílio aos protegidos pela Santa Casa da Misericórdia.

Concurso "Valores Humanos"

Recepção de Respostas

No último número, foi publicada a última nótula biográfica deste concurso.

Conforme então tivemos oportunidade de noticiar, em atenção aos pedidos que diversos amigos nos têm dirigido, foi resolvido permitir que até ao fim deste mês, nos possam ser enviadas as respostas *a todas as nótulas biográficas publicadas.*

Estão, portanto, ainda em condições de tomar parte neste passatempo todos os leitores que satisfaçam os requisitos contidos no Regulamento (publicado nos n.os 236, 237 e 238), com a ressalva do prazo para o envio das respostas, o qual é alargado, como dizemos acima, até o dia 31 do mês corrente.

A O.N.U. formula a esperança de que a juventude de todo o mundo seja educada segundo princípios que são, afinal, inteiramente escoteiros

A Assembleia Geral aprovou por unanimidade uma declaração a favor da promoção, entre os jovens, dos ideais de paz, de respeito mútuo e de compreensão entre os povos.

Nos termos dessa declaração, a juventude de todo o mundo deve ser educada num espírito de paz, de humanidade e de solidariedade internacional, deve estar consciente das responsabilidades que lhe cabem num mundo que terá de dirigir, e deve igualmente confiar na felicidade futura da humanidade.

O secretário-geral, U Thant, exprimiu a esperança de que os princípios consignados nesta declaração orientem os esforços de todos os responsáveis pela educação da juventude.

Assinantes patrocinadores

Mais um amigo que vem corresponder ao apelo de «Sempre Pronto»:

Trata-se do nosso estimado assinante sr. António Ferreira Pinto que nos manifestou a sua decisão de ingressar no grupo daqueles que, de uma forma tão preciosa, colaboram com o nosso jornal, inscrevendo-se como Assinantes Patrocinadores.

A este nosso prezado amigo endereçamos os nossos agradecimentos sinceros.



Dr. Manuel Marques da Mata

Vitimado por um colapso cardíaco, faleceu em 9 do corrente, em Carcavelos, onde residia, o sr. dr. Manuel Marques da Mata, que durante 24 anos exerceu o cargo de subdelegado de Saúde do Concelho de Cascais e era muito estimado por todos quantos tiveram o privilégio de o conhecer.

O sr. dr. Marques da Mata foi presidente do Grupo n.º 16 dos Escoteiros de Portugal, com sede naquela vila, tendo participado na organização e direcção da Semana Z, notável iniciativa daquele grupo para a propaganda da Defesa Passiva, a primeira actividade do género que se realizou em Portugal.

A morte do ilustre clínico foi muito sentida, particularmente no concelho onde conquistou, pela sua dedicação e simpatia, muitas amizades.

SEMPRE PRONTO

Número 248

Dezembro de 1965

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

A vida maravilhosa de Alberto Schweitzer (III)

O encontro com Charles Widor

Um tio de Schweitzer, irmão mais velho do pai, era comerciante e vivia em Paris. Após o exame de liceu, este convidou Alberto a passar uma temporada em sua casa, o que aconteceu em Outubro de 1893 e foi uma excepcional oportunidade para Schweitzer, visto que a tia conseguiu apresentá-lo a Charles Marie Widor, sucessor de César Franck como professor de órgão no Conservatório. Este limitava a sua actividade como professor aos alunos do Conservatório, mas tendo descoberto a vocação musical de Schweitzer, acedeu em lhe dar lições. É Schweitzer quem afirma: «*Esse ensino seria para mim de importância decisiva. Widor mostrou-me como aprofundar a minha técnica e aspirar à perfeita plástica do estilo. Simultâneamente comecei a perceber, graças a ele, a importância do elemento arquitectónico na música*».

Widor, cuja idade andava próximo dos 50 anos, ficou amigo de Schweitzer para sempre e abriu-lhe mais tarde a porta para conhecer e conquistar simpatias nos meios artísticos parisienses, onde se veio a relacionar com os maiores nomes da música. Widor deu-lhe também ensejo de tocar os órgãos de S. Sulpício e Notre Dame. Começou aqui o interesse de Schweitzer pelos velhos órgãos, interesse que originou a campanha que tanto o apaixonou, evitando que muitos desses antigos órgãos de tubos fossem substituídos por modernos instrumentos, com mais recursos, mas sem a preciosa sensibilidade daqueles. Sobre este assunto, veio a fazer conferências em diversos países e escreveu mais tarde uma obra intitulada «*A arte de construir e tocar órgãos na Alemanha e na França*».

A licenciatura em Teologia e Filosofia

Em fins de Outubro, teve Schweitzer de voltar à Alsácia a fim de se matricular no Instituto de Estudos Teológicos de Estrasburgo, cujo director era o douto pastor Alfredo Erichson e dispunha de um corpo docente constituído por professores jovens. A Universidade de Estrasburgo era uma instituição moderna, de alto nível cultural. Schweitzer apreciou muito esse ambiente e dizia: «*A Faculdade de Teologia de Estrasburgo, no meu tempo, tinha o carácter de uma pronunciada liberdade de pensar*». Aconselhado por seus professores, Schweitzer matriculou-se também na Faculdade de Filosofia, preparando-se assim para duas licenciaturas.

Enquanto estudava, continuava interessado na música: Ernest Münch, irmão do seu professor de Mulhouse, era organista da igreja de S. Guilherme em Estrasburgo e dirigente dos concertos de Bach do coro dessa igreja. Este convidou Schweitzer para o acompanhamento de órgão nos concertos, o que este fez com prazer. É ele quem nos revela: «*Desde-me, familiarizava-me com as criações de Bach e tinha ensejo de ocupar-me pràticamente com os problemas da reprodução das Cantatas e Paixões do imortal compositor. (...) Quantas noites passámos a comentar as partituras das Cantatas e Paixões, e a discutir a real autenticidade da execução! A par da veneração de Bach, tomei-me de entusiasmo por Richard Wagner*».

Em Abril de 1894, teve de cumprir o serviço militar, mas graças à sua robustez física, conseguiu fazer a instrução sem abandonar os estudos, o que lhe foi possível graças à simpatia do capitão Krull, que lhe facilitava a ida às aulas.

Datam desta ocasião os seus primeiros trabalhos sobre teologia, que viriam a escandalizar os meios mais fundamentalistas. A questão do anúncio da próxima vinda ao Reino de Deus feita por Jesus Cristo, levou-o a conjecturas sobre a possibilidade de Jesus se ter enganado na profecia. O próprio Schweitzer se sentiu preocupado acerca das suas concepções, mas, profundamente sincero, prosseguiu nos estudos reconhecendo: «*Nada podemos contra a verdade. Como a verdadee é a essência de tudo quanto é espiritual, em última análise toda a verdade importa num ganho. (...) Ainda que pareça estranhável à piedade e lhe cause embaraços iniciais, o resultado final jamais poderá ser um prejuízo, mas sim um aprofundamento*».

Os anos de estudo em Estrasburgo depressa passaram. A actividade de Schweitzer era excepcional, já que dedicava o seu interesse a diversos campos. Entretanto, no seu espírito travava-se intensa luta, pois sentia profundamente o sofrimento daqueles que não tinham os mesmos privilégios de que usufruía. A vida feliz que até então tinha gozado, as vantagens de que tinha disfrutado, faziam-no sentir-se responsável pelos desprotegidos. Talvez por inspiração da vida de Jesus Cristo, sentiu que aos 30 anos deveria também dedicar a sua vida inteiramente a favor do seu semelhante. Decidiu então que continuaria os seus estudos e dedicar-se-ia ainda a aprofundar os seus conhecimentos musicais, mas a partir daquela idade a sua vida pertenceria aos seus irmãos desprotegidos.

(Continua)

«*A vida é tão efémera... façamos sempre algo em prol da Humanidade*»...

MARIE CURIE

«*Nenhum homem poderá morrer em paz se não fizer tudo que possa para que os outros vivam*».

CAMUS

Os Escoteiros de Portugal estão recebendo convites para participarem, no próximo ano, em diversos acampamentos de associações escoteiras estrangeiras

Ano mundial da amizade

Desde Outubro passado até Setembro de 1966 está decorrendo o Ano Mundial da Amizade. Por esse motivo, o Escotismo Britânico promove diversas actividades para as quais convida escoteiros de outros países, tendo os escoteiros de Portugal recebido já diversos convites.

Acampamento da amizade em Worcestershire

Os Escoteiros Britânicos da Região de Worcester, realizam no Parque de Spetchley um acampamento que designaram «da Amizade», para o qual convidam escoteiros de Portugal.

O acampamento será inaugurado em 6 de Agosto do próximo ano e encerrará a 13 do mesmo mês. O acampamento será precedido de uma semana de hospitalidade em que os escoteiros estrangeiros serão recebidos no lar de um escoteiro britânico, com a hospitalidade que os ingleses sabem dedicar aos seus convidados. Os escoteiros participantes terão de 12 a 18 anos.

A despesa de campo para os escoteiros convidados será de 5 libras. As inscrições deverão ser feitas até 1 de Março de 1966.

10.º «Jamborete» escocês internacional de patrulhas

Em Blair Atholl, Perthshire, na principal linha de caminho de ferro de Londres a Inverness, realiza-se de 19 a 29 de Julho do próximo ano este acampamento internacional de patrulhas. Os Escoteiros da Escócia convidam até três patrulhas de seis escoteiros de cada país, sendo preferível que as suas idades sejam de 14 a 18 anos naquela data. São igualmente convidados um dirigente para cada contingente de 1 a 12 escoteiros.

O acampamento será seguido de uma semana de hospitalidade em casa de escoteiros de diferentes pontos da Escócia, finda a qual os escoteiros convidados se reunirão de novo em Edimburgo e Glasgow, como convidados da Direcção do Escotismo da Escócia, para dois dias de hospitalidade, imediatamente antes da sua partida. O programa está organizado para terminar cerca de 8 de Agosto.

O custo, incluindo a viagem da estação de Blair Athol ou do aeroporto para o acampamento e volta, bem como a viagem para o local de hospitalidade, custa £ 5. 10. O. ou sejam cerca de Esc. 850$00.

Curso Internacional de Dirigentes de Montanhismo — 1966

De 6 a 13 de Agosto do próximo ano, também se realizará na Escócia, em Glenmore Lodge, perto de Aviemore, Inverness-shire, este curso de montanhismo, em que poderão participar Caminheiros e Chefes Escoteiros de 18 a 30 anos de idade, embora qualquer activo elemento de mais de 30 anos possa também ser considerado. Senhoras dirigentes de lobitos poderão tomar parte no Curso.

Glenmore Lodge é uma construção moderna e confortável com alojamento para 60 pessoas, de onde se disfruta magnífica paisagem das Montanhas Cairngorm, perto do Lago Morlich. Portanto,

Segue na página 5